



OS IMPACTOS SOCIAIS E PSICOLÓGICOS DO RACISMO NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS DENTRO DO AMBIENTE ACADÊMICO DAS UNIVERSIDADES PARTICULARES¹

LOS IMPACTOS SOCIALES Y PSICOLÓGICOS DEL
RACISMO EN LAS RELACIONES INTERPERSONALES EN
EL ENTORNO ACADÉMICO DE LAS UNIVERSIDADES
PRIVADAS

THE PSYCHOLOGICAL AND SOCIAL IMPACTS OF RACISM UPON THE
INTERPERSONAL RELATIONSHIPS AT THE ACADEMIC ENVIRONMENT OF
PRIVATE UNIVERSITIES

Anne Campos Pereira²
Cristina Querino Lima Afonso³
Gustavo Argueso Machado⁴
Laura de Faria Franca⁵
Marina Inácio Otaviano⁶

RESUMO: Este estudo trata das questões relativas aos impactos sociais e psicológicos do racismo em jovens não-brancos estudantes de universidades particulares. A metodologia utilizada foi a entrevista semiestruturada, tendo como participantes dez estudantes de instituições privadas de ensino superior, sendo eles pretos ou pardos, de 18 a 27 anos. A tentativa de compreensão dessas questões tem como objetivo discorrer sobre o racismo estrutural na sociedade brasileira e compreender a vivência de alunos negros no ambiente acadêmico, enfatizando os impactos psicológicos e sociais e verificando como a universidade lida com a presença do racismo. Ao atingir esses objetivos, foi possível analisar criticamente as narrativas obtidas e obter um maior entendimento sobre como se dá a passagem dos estudantes negros pelas universidades particulares, sendo perceptível a influência direta do racismo em suas esferas sociais, acadêmicas e psicológicas.

PALAVRAS-CHAVE: Racismo; Psicologia; Ambiente acadêmico; População negra; População universitária.

RESUMEN: Este estudio trata de las cuestiones relativas a los impactos sociales y psicológicos del racismo en jóvenes no blancos estudiantes de universidades particulares. La metodología utilizada ha sido la entrevista narrativa, teniendo como participantes diez estudiantes de instituciones privadas de enseñanza superior, siendo negros o pardos, de 18 a 27 años. El intento de comprensión de esas cuestiones tiene el objetivo de reflexionar sobre el racismo estructural en la sociedad brasileña y comprender la vivencia de alumnos negros en el ambiente académico, enfatizando los impactos psicológicos y sociales y verificando cómo enfrenta la universidad la presencia del racismo. Al lograr esos objetivos, ha sido posible analizar críticamente las narrativas obtenidas y alcanzar mayor entendimiento sobre cómo ocurre el trayecto de los estudiantes negros por las universidades particulares, siendo perceptible la influencia directa del racismo en sus esferas sociales, académicas y psicológicas.

PALABRAS CLAVE: Racismo; Psicología; Ambiente académico; Población negra; Población universitaria.

¹ Trabalho orientado pelo professor Hélio Cardoso de Miranda Júnior.

² Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
annecampos2001@gmail.com

³ Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
crisdatay13@gmail.com

⁴ Graduando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
gustavoargueso@gmail.com

⁵ Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
laurinhaffranca@gmail.com

⁶ Graduanda em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais.
marinamarvim99@gmail.com

ABSTRACT: The following study deals with subjects referring the social and psychological impacts of racism on non-white students at private universities. The methodology utilized was the narrated interview, having, as participants, ten students of private institutions of higher education, being them black or brown, at the age range of 18-27 years old. The attempt of comprehension of those subjects has as purpose the discourse of structural racism on Brazilian society and the understanding of the experience of life of black students in the academic environment, highlighting the psychological and social impacts and verifying how the university deals with the presence of racism. When those goals were fulfilled, it was possible to analyse critically the obtained narratives and gain more understanding of the passage of black students on private universities, being noticeable the direct influence of racism on its social, academic and psychological spheres

KEYWORDS: Racism; Psychology; Academic environment; Black population; University population.

1 INTRODUÇÃO

O entendimento das questões acerca da presença do racismo no Brasil é essencial para o combate às manifestações racistas. Conforme Santos (1994), há ainda uma noção do senso comum de que o Brasil possui uma democracia racial devido à miscigenação de sua população e, portanto, não sofre com problemas raciais. Essa percepção, além de incorreta, mascara as práticas racistas e seu contexto histórico de opressão, uma vez que promove um discurso de que é culpa dos próprios não-brancos não serem a maioria em cargos de alto status social - alega-se que o indivíduo apenas não se esforçou o suficiente para conquistar uma posição alta nas classes sociais, nada relacionado à problemática racial.

Desse modo, torna-se necessária a produção de conhecimento sobre as vivências negras dentro do país, em uma tentativa de propagar a crítica a essa percepção equívoca da ausência de discriminação racial no Brasil. Este projeto resulta, portanto, de um desejo de tornar explícitas algumas questões referentes ao racismo - uma vez que trabalhar todas elas em profundidade não seria possível em apenas um artigo. Durante as disciplinas de estágio obrigatório III e IV do curso de psicologia da PUC Minas, nas quais são oferecidas ao aluno a possibilidade de produzir a própria pesquisa, tomamos como enfoque o estudo dos impactos sociais e psicológicos das práticas racistas em jovens adultos pretos ou pardos dentro do ambiente acadêmico, mais especificamente de instituições privadas de ensino superior no Brasil. Sob essa perspectiva, se dão os objetivos de discorrer sobre o racismo estrutural e realizar a análise crítica das narrativas dos estudantes em questão.

É necessário levar em conta, para maior compreensão do contexto em que esses universitários se encontram, a logística capitalista na qual está inserido o ambiente acadêmico. A escola é um instrumento de ascensão social, pois capacita o indivíduo para uma vida adulta que terá privilégios e segregações (LORETTO, 1994). Dentro dessa lógica, é implícito que algum grupo seria excluído desse local, e em um país com um imaginário e conjuntura comprovadamente racista, esse grupo seria o de pessoas negras. Esse fenômeno seria logicamente

agravado no contexto universitário, visto que a faculdade se encontra em um grau de privilégio mais elevado, ou seja, mais segregador. Principalmente no caso de universidades particulares, que são o foco da nossa pesquisa.

Tendo em vista a problemática apresentada sobre o racismo no ambiente acadêmico de ensino superior, surge o questionamento de que posturas as universidades devem tomar em relação às práticas racistas dentro de seus campi. Verificar a percepção dos alunos sobre as atitudes tomadas por suas respectivas instituições de ensino frente a essa discriminação também será um dos objetivos deste estudo.

Além disso, uma grande motivação para a realização dessa pesquisa foi a baixa produção de estudos psicológicos voltados para a população negra, comprovada por Mariante Gouveia Damasceno e Valeska M. Loyola Zanello (2018). Dado que, atualmente, a população preta/parda compõe mais da metade do Brasil, faz-se necessário um olhar crítico da Psicologia sobre as questões que assolam especificamente essa parcela, como é proposto por Veiga (2019), ao dissertar acerca da fragilidade da formação em Psicologia no Brasil no que diz respeito aos impactos do racismo nas subjetividades negras.

2 METODOLOGIA

Para a realização deste estudo, foi utilizado o método de estudo de campo, a partir da técnica de pesquisa qualitativa de entrevista semiestruturada. Para isso, tomamos como referência um roteiro de dez perguntas gerais sobre o tema da pesquisa.

Considerando que as pesquisas qualitativas buscam compreender a singularidade de um objeto, a metodologia de estudo de campo é bastante útil. Conforme Gonsalves (2001),

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas. (GONSALVES, 2001, p.67)

A partir dessa definição, o critério para a escolha de participantes foi estabelecido conforme os objetivos do estudo, e será apresentado posteriormente neste mesmo tópico. Infelizmente, devido a questões relacionadas ao prazo dentro o qual esta pesquisa foi realizada, há a presença de um limitante em nosso processo metodológico: a quantidade de amostras coletadas. Apoiados em um maior número de entrevistados, poderíamos levar as discussões aqui trazidas a outros patamares e tópicos da problemática do racismo no ambiente acadêmico pri-

vado. Não obstante, os resultados coletados nos abrem portas para futuros trabalhos em continuação a este, bem como representa um avanço, ainda assim, na produção de conteúdo científico acerca do racismo no Brasil.

Dito isso, retomamos a discussão teórica acerca da metodologia utilizada com a ênfase no fato de que as entrevistas semiestruturadas são uma técnica perfeitamente coerente para os objetivos aos quais nos propusemos durante a elaboração deste trabalho. Elas extraem uma amostra suficientemente ampla dos dados, uma vez que permitem ao entrevistado uma certa liberdade ao relatar sua perspectiva sem que a conversa se desvie do assunto objetivado. Tal atributo cabe perfeitamente na análise do racismo vivenciado por estudantes. Justamente para se obter um relato espontâneo, é necessário que o pesquisador acompanhe o discurso do entrevistado e não determine uma direção rígida dentro do contexto, assim tendo uma colaboração mútua entre os dois indivíduos que respeite o lugar de fala.

Seguindo essa perspectiva, é necessário compreender os aspectos formais e técnicos exigidos pela entrevista semiestruturada. Faz-se necessária uma prévia exploração do campo a ser estudado e a formulação de questões de interesse do pesquisador que serão utilizadas para orientar os tópicos principais da entrevista aos participantes. A entrevista idealmente deve ser registrada para posterior documentação, com consentimento dos participantes.

A pesquisa em questão foi constituída por dez entrevistas ao todo, sendo os entrevistados todos estudantes de universidades particulares, pretos ou pardos, jovens, de diferentes cursos, identificados nesse estudo por meio das siglas E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9 e E10:

ID	SEXO	IDADE	COR	CURSO
E1	F	21	PRETA	PSICOLOGIA
E2	F	27	PARDA	LETRAS
E3	M	21	PRETO	GESTÃO
E4	M	18	PRETO	PSICOLOGIA
E5	F	19	PARDA	DIREITO
E6	M	24	PRETO	DIREITO
E7	F	24	PRETA	MEDICINA
E8	F	23	PRETA	PSICOLOGIA
E9	M	24	PRETO	CIÊNCIAS
E10	M	19	PARDO	ADMINISTRAÇÃO

Por fim, faz-se importante ressaltar que, ao longo do contato com os participantes, foi estabelecido o consentimento de cada um dos entrevistados para a realização da pesquisa. Ademais, todas as questões acerca do sigilo ético dos pesquisadores para com a identidade dos constituintes foram debatidas com os estudantes e bem definidas antes do início das entrevistas.

3 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Como método de análise dos dados coletados, foi adotada a análise de conteúdo, “por permitir uma descrição objetiva e sistemática do conteúdo manifesto de comunicação” (BERELSON, 1984 apud CAMPOS, 2004, p.2), uma vez que esse método consiste no “estudo tanto dos conteúdos nas figuras de linguagem, reticências, entrelinhas, quanto dos manifestos” (CAMPOS, 2004, p.4). Tendo isso em vista, a interpretação dos resultados foi cuidadosamente debatida entre os autores, a partir de um processo metodológico bem definido, voltado para a análise minuciosa e responsável dos relatos comunicados.

Ao longo das entrevistas, algumas formas específicas de manifestações do racismo se destacaram entre os relatos. Grande parte dos entrevistados alegaram ter vivenciado formas de epistemicídio⁷, exclusão social ou ridicularização, sentido uma certa solidão dentro do ambiente acadêmico, sido afetados - positivamente ou negativamente - pelo colorismo ou percebido a presença do racismo estrutural dentro de seus círculos sociais.

Quando houve o questionamento sobre o que é o racismo, alguns entrevistados deram respostas que remetiam às origens históricas dessa problemática: o passado escravagista e segregacionista vivenciado no Brasil (Freyre, 2001). Nos relatos, tal histórico foi tratado como o que moldou o comportamento caracterizado como racista atualmente, assim como no seguinte trecho:

O racismo pra mim é um processo muito “natural” atualmente. É um processo que vem reverberando desde a colonização e da diáspora africana. Então pra mim é algo intrínseco a nós. Todos somos racistas em potencial e cabe a nós estudar e entender pra não cometer. (E8).

Além disso, os entrevistados abordaram o tema apresentando frustração ao considerar que é uma questão que estão fadados a sofrer, e sem perspectiva de mudança em um futuro próximo, como demonstra o relato a seguir:

⁷Epistemicídio é um termo criado pelo sociólogo Boaventura de Sousa Santos para explicar o processo de invisibilização e ocultação das contribuições culturais e sociais não assimiladas pelo 'saber' ocidental.

Racismo é todo modo de discriminação que nós negros sofremos, com todo esse contexto e essa carga histórica que teve no período da escravidão que reflete na nossa sociedade de diversas formas, [...] principalmente socialmente, né com a gente já nascendo na desvantagem pra ter as mesmas coisas que uma pessoa branca tem. A gente tem que trabalhar o dobro a mais e sem perspectiva de eu ver isso acabar até o fim da minha vida. (E9).

Contudo, em se tratando do racismo em si, muito foi falado sobre como esse fenômeno se dá de maneira estrutural, estando presente de formas diretas e indiretas; individuais e coletivas. Os relatos se relacionaram muito com a definição dada por Almeida (2018) ao racismo, ao considerá-lo um sistema de privilégios e desvantagens dados de acordo com o grupo racial, através de uma estrutura formada por múltiplos comportamentos conscientes e inconscientes. Abaixo, segue um exemplo de um trecho que exemplifica isso bem:

Racismo é todo um sistema que privilegia gente branca em toda parte do mundo e gente mais clara em todas as raças do mundo. Ele tá presente em todas as relações sociais, pessoais, familiares e... acho que é basicamente isso, ele é um veneno na nossa sociedade e ele é muito velado. (E5).

Pelo fato de o racismo se manifestar dessa maneira estrutural, é lógico entendê-lo como algo que pode estar presente a qualquer momento ou em qualquer relação, assim como foi dito no relato anterior. Diante desse contexto, alguns entrevistados falaram sobre como o racismo é um problema constante em suas vivências, como no trecho seguinte:

[...] qualquer ida ao shopping tem olhares diferentes, olhares chatos, sabe? Que incomodam o tempo todo e seguem você o tempo todo e meio que depois que cê começa a tomar consciência, isso vira uma parte importante da sua vida, sabe? Tá preocupado com isso o tempo todo, vira uma parte importante da nossa vida assim. (E4).

No tocante à problemática, o colorismo foi um dos tópicos citados no decorrer das entrevistas, o que espelha um dos mecanismos da manutenção da opressão racial instituído pelo sistema brasileiro. Esse conceito, o qual atribui-se o primeiro uso à escritora Alice Walker, em 1982, refere-se a uma ferramenta racista que tem o intuito de discriminar o sujeito levando em consideração o seu tom de pele. Nesse sentido, quanto mais escura for a coloração da pele, menos aceita e valorizada essa pessoa será socialmente.

É imprescindível citar que a trajetória de formação étnico-demográfica brasileira é permeada, desde o período escravista, até os dias atuais, por políticas e concepções de embranquecimento da população, o que influencia diretamente na utilização do colorismo como

mais uma ferramenta de manutenção da discriminação racial no país. Abdias Nascimento (1978) retifica que durante os tempos de escravidão, as políticas eugenistas de branqueamento da população estruturavam-se de forma a limitar de qualquer forma o crescimento da população negra, sendo essas políticas apoiadas e defendidas pelas classes dominantes da sociedade.

Neste seguimento, também deve-se atribuir a responsabilidade da instauração das políticas eugenistas ao próprio governo brasileiro. Segundo Souza (2016), o Brasil não só foi o primeiro país na América Latina a desenvolver declaradamente uma política eugenista, mas também foi o país com maior número de adeptos. É imprescindível citar, para ratificar o fato, a fundação em 1918 da Sociedade Eugênica de São Paulo, que contava com a associação de 140 membros, que em sua maioria pertenciam à elite médica brasileira.

Ademais, se faz necessário destacar que a questão da miscigenação no Brasil é intrinsecamente ligada a violência de gênero contra mulheres negras, uma vez que eram elas as principais vítimas de estupros e abusos sexuais sistemáticos perpetrados pelos senhores de engenho, dando origem assim a classe denominada pejorativamente como “mulatos”.

No entanto, a despeito das vantagens de *status* social de qualquer ordem concedidas àqueles que possuíam uma pele mais clara devido a miscigenação, a posição do mulato era, em essência, equivalente a posição do negro, sendo ambos vítimas da brutal discriminação racial presente na sociedade brasileira.

Em adição, Carneiro (2011) elucida que a partir dos tempos da escravidão, houve uma manipulação da identidade do negro de pele clara como o simbolismo de um estágio mais avançado de ideal estético que tem como referencial a branquitude e, conseqüentemente, negando qualquer possibilidade de diversidade cultural ou étnica.

Na atualidade, o impacto negativo e destrutivo dessa concepção da pele branca como padrão ideal na vivência das pessoas negras pode ser observado nas seguintes falas dos entrevistados:

A gente sabe que o Michael Jackson sofreu a troca de pele, então eu quando criança eu pensava que poderia comprar o mesmo produto que o Michael Jackson para ficar com a pele branca. De tanto as pessoas falarem que preto é ruim, a gente acaba tendo esse tipo de ideia. (E3).

Eu ia pra praia e eu odiava tomar sol, porque eu [...] ficava muito escura e meu apelido na escola era picolé de petróleo porque eu era a mais escura da minha escola. (E5).

Além do mais, é possível destacar em uma das entrevistas, como as pessoas de pele clara, que se consideram negras ou pardas, ainda que possuam algum grau de “passabilidade” social pelo seu tom de pele, continuam sendo vítimas de discriminação racial:

É urgente, acho que todo mundo deveria pesquisar, ouvir e estudar mais sobre. Tenho um relacionamento de três anos, casamos agora em julho, e ele é negro. Comecei a refletir sobre os nossos filhos, pensando lá na frente, porque eu com a pele clara sei que não sofri nada no sentido do racismo, mas meus filhos vão ser do mulato pra lá. Muito difícil ter a pele clara, só minha mãe que é branca mesmo. (E2).

Existe também a questão do apagamento da identidade negra para essas pessoas, que muitas vezes são influenciadas a renegar as próprias raízes para se livrar dos estigmas associados à negritude e assumir uma identidade mais próxima à branquitude. Esse movimento tem como consequência um apagamento contínuo não só da identidade, mas também da história e cultura negra brasileira.

As pessoas me veem, e eu tenho a pele clara, e falam que eu sou branca. E eu realmente não gosto e não me considero branca. (E2).

Isso é uma questão, hoje eu me identifico preta, antes... Era morena né (risos). As pessoas tem uma mania de falar 'não você não é preta, você é morena,' como se preta fosse algo ruim né... Ou inferior, hoje eu passei a entender, passei a perceber, que aquele morena não era porque eu sou morena, era pra mascarar algo que eles não queriam dizer, então hoje eu sou preta, me considero preta. (E7).

Estava falando isso com a minha professora ontem. Ela me perguntou por causa das ações afirmativas na minha inscrição do mestrado. Eu fiquei em dúvida porque não sabia se tinha direito. Ela me perguntou "como você se declara?" Eu me declaro preta, hoje em dia é mais sobre a vivência. (E8).

No entanto, ainda que a questão do colorismo determine a forma como uma pessoa será tratada em uma sociedade racista como a brasileira, a preocupação com o combate ao racismo continua unânime dentre os entrevistados. A possibilidade de sofrer algum tipo de discriminação pautado não só na questão da cor da pele, mas na totalidade das características fenotípicas associadas a negritude, não é descartada pelos entrevistados que se autodenominam pardos o que produz um senso de urgência para luta contra este tipo de opressão.

Por ter a pele clara, nunca sofri racismo por causa da cor da pele, mas sei que já sofri preconceito porque meu cabelo é crespo. Sei que já sofri preconceito por outras coisas, não só a cor da pele, mas toda a questão social. (E2).

Considerando o contexto específico das instituições de ensino privadas, é notável a elitização, sendo esse um espaço de privilégio (Loretto, 1994), principalmente em um país desigual como o Brasil. A partir dessa premissa, percebe-se que boa parte da população negra compõe o grupo dos que têm o acesso às universidades dificultado, devido ao passado escravocrata que contribuiu para a segregação racial na estrutura de classes sociais no Brasil

(Freyre, 2001). Diante dessa realidade, alguns relatos, como o que segue, abordaram a dificuldade financeira que, muitas vezes, está atrelada à questão racial.

[...] eu acho que uma pessoa negra entrar numa universidade particular e ainda assim, vamo colocar um exemplo, por cota, pelo sisu, eu acho que é muito difícil. Tem essa questão de você não se sentir incluso. (E1).

[...] eu acho muito difícil você ser uma pessoa negra e estar numa universidade particular, que tem esse predomínio de pessoas brancas, e ainda assim se manter, às vezes tem um custo muito alto de material, de livros, então assim, eu acho que são n fatores né, não tem só essa questão racial, mas tem essa questão financeira também, que né, tá envolvida nessa questão de uma pessoa negra na universidade. (E1).

Um dos principais mecanismos de opressão do racismo estrutural é o estabelecimento de estereótipos à figura das pessoas pretas. De acordo com Santos (2002), o imaginário social brasileiro se formou a partir de múltiplos e complexos fenômenos culturais, sociais e religiosos, resultando em uma imagem do indivíduo negro que remete à marginalização, criminalidade e animalidade. Tal representação se opõe completamente à atribuída ao produtor de conhecimento acadêmico, que é a do homem branco, que se deu sob influência eurocêntrica nos processos de produção epistemológica (Amélia, 2014).

Nas respostas das entrevistas, foi possível identificar algumas falas sobre esse processo de atribuição de estereótipos à pessoa preta dentro das faculdades, mas também fora delas. Um exemplo, presente nos trechos abaixo, se deu por parte de duas entrevistadas que falaram sobre a hiper sexualização das mulheres não brancas, e também da atribuição de um perfil agressivo a elas.

Sempre fui “a mulata, a mina da cor do pecado”. Cresci em uma escola de samba na minha cidade e sempre fui hiper sexualizada desde criança. Percebi isso com a terapia e estudo, sempre fez muita diferença na minha personalidade. Sempre fui de querer agradar todo mundo, principalmente homens. Se eu não for elogiada pelos homens, pra mim não estou bonita, e isso constituiu minha personalidade. (E8).

[...] outro estereótipo que eu sinto muito na minha personalidade, é tipo assim, a mulher negra é brava, entendeu? Ela é brava, ela peita [...] E eu sempre tento me amabilizar, desde que eu sou criança, não parecer ser tão brava, porque se não ninguém vai querer te namorar, ninguém vai te querer [...] isso também afeta a sua saúde emocional, porque você tem que se expressar de alguma forma, cê tem que extravasar e acho que principalmente isso pra mulher, ela tem que pensar mil vezes em como ela vai se expressar, entendeu? Ela não pode, não processa sentimento de raiva, igual, porque você é sempre raivosa. (E5).

Outro exemplo dessa imposição de estereótipos no imaginário social apareceu no questionamento da capacidade intelectual do indivíduo preto e de sua condição como estudante ou profissional, como pode ser visto no seguinte relato:

[...] quando eu falo que eu sou advogado as pessoas ficam “ou, mas será que ele é advogado mesmo? Será que eu posso tirar as minhas dúvidas com ele? (E6).

[...] acho que rola um pouco das...hmm...das dúvidas assim ‘poxa cê foi bem na prova mesmo? Será que cê colou? Como é que você fez pra tirar essa nota?’ ou algo do tipo. (E6).

Esse tipo de noção desqualificadora da identidade negra como produtora acadêmica provoca um grande conflito interno em relação à construção da identidade social dos estudantes não brancos (Amélia, 2014). Em razão disso, é inevitável refletir sobre o impacto desse contexto na motivação e confiança desses universitários em relação à sua aceitação no mercado de trabalho. Alguns entrevistados falaram sobre essa sensação de insegurança, de maneira direta ou indireta, como demonstram os seguintes relatos:

Agora estou vivendo um momento de frustração total e insegurança por conta do mercado de trabalho, pois estou formando agora, e bate muita insegurança, principalmente por causa das minhas características fenotípicas. (E3).

Acho que pra toda pessoa negra a questão é a insegurança, sobre ser suficiente ou não. Isso é imposto pra gente, se você é preto tem que fazer o dobro pra ter o que uma pessoa branca já nasce com. Essa dificuldade é posta sim. (E8).

O apagamento de referenciais africanos e afro-brasileiros dentro das universidades também foi algo bastante relatado pelos alunos entrevistados. A ausência de referências teóricas e professores negros foi uma questão relatada por seis das dez pessoas entrevistadas, mesmo em instituições de ensino que possuíam uma estratégia de marketing voltada para a diversidade, como pode ser percebido no trecho:

É mentira, eles pega uma pessoa naquela sala e te chamam pra fazer propaganda, sabe? Pra você aparecer no outdoor tudo, sabe? Mentira. Cê chega lá, não tem ninguém, tudo super homogêneo. [...] Olha, eu não tenho nenhum professor preto e eu olhei o site da minha faculdade, olhei os docentes e eu soube de um, um professor preto, homem, em tudo de todos os professores. (E5).

Além disso, a presença do epistemicídio nas universidades foi relatada pelos alunos entrevistados também por meio de histórias pessoais das próprias atividades acadêmicas, ou seja, a competência desses alunos era constantemente questionada pelos colegas de sala ou pelos professores.

Tendo as situações acima como referência, pode-se deduzir que a recusa do sistema regular de educação brasileiro em abranger a produção de conhecimento e a competência dos povos não-brancos (NOGUEIRA, 2015) se apresenta de maneira velada. No entanto, o relato

de uma das alunas entrevistadas comprova a atuação explícita do epistemicídio nas universidades:

Na universidade [...] fiquei um ano e meio desenvolvendo uma pesquisa com minha professora sobre a Subjetivação do Feminino no Candomblé aqui em Presidente Prudente. [...] quando mandei pro conselho de ética, me responderam dizendo que era antiético fazer um recorte de gênero e raça. Fiquei tipo “oi?” Minha fundamentação teórica é a explicação de porque pesquiso sobre mulheres pretas. Se continuarmos contando a história de todo mundo, a gente continua contando a história branca. (E8).

É de clara percepção, através dos dados coletados pelas entrevistas, as manifestações do racismo vigorosamente presentes na vivência dos participantes. Isso torna-se evidente, principalmente, através de relatos reunidos descrevendo tais demonstrações de violências raciais presenciadas por eles, sejam elas de forma direta ou indireta - cada tal sendo exposta a partir das definições previamente estabelecidas pelos entrevistadores e apresentadas para cada indivíduo entrevistado.

Ao se levar em consideração o âmbito de manifestações indiretas ou veladas, sendo estas aquelas em que a exclusão não é “anunciada”, mas percebida pelo indivíduo afetado através da dificuldade de socialização ou imposição de barreiras que impedem o crescimento acadêmico, foi perceptível sua presença no cotidiano dos participantes. Um exemplo que pôde ser percebido com certa frequência nas narrativas de diversos entrevistados seria a ausência de pessoas pretas em meios sociais frequentados pelos mesmos, dentre eles, principalmente o ambiente acadêmico.

Eu tenho um amigo que chama [...] é um amigo que estuda no [Nome da faculdade], ele é negro, e... Só o fato dele ser, cara, com ele tem mais três negros em um ambiente de quatrocentos. Isso já é uma atitude racista. (E10).

Não só no meu curso, mas em todo o Instituto de Ciências Biológicas e Saúde, que abrange a biologia, a odonto, a enfermagem e a fisioterapia e a fonoaudiologia, [...] nós temos UM único professor negro e ele me falou isso: “quando tem reunião dos professores no ICBS, eu sento naquela mesa enorme com um tanto de gente e eu sou o único preto”. Então...é...não tem representatividade, não tem...alguns professores abordam assim, mas o que eu mais vejo nesse assunto lá parte dos próprios alunos [...] mas falta representatividade sabe...até o número de movimentos estudantis assim de pessoas negras são muito baixos, são mais pro lado das ciências humanas, né, que ficam em outra parte do campus, pois é um campus enorme. (E9).

Os relatos apurados abordaram também o racismo em suas manifestações diretas, ou seja, exclusões explicitamente impostas e que outras pessoas têm conhecimento do fato, podendo ser impostas de diversas formas, como por exemplo, por meio da agressão verbal. É de

extrema importância reforçar que tais manifestações ferem a lei Nº 7.716 que prevê a punição de crimes resultantes do preconceito de raça ou cor.

Os participantes que se sentiram confortáveis em relatar vivências relacionadas a este tipo de violência mencionaram, em muitos dos casos, o uso de apelidos dados por terceiros como forma de humilhar e/ou distinguir a vítima.

[...] eu nunca tinha vivido na pele diretamente, até que numa copa, no ano passado, lá na [Nome da faculdade] mesmo, um cara me chamou de macaca, gente, dá pra acreditar nisso? (E7).

[...] meu apelido na escola era picolé de petróleo porque eu era a mais escura da minha escola. (E5).

[...] quando eu tinha oito anos, eu estudava numa escola de inglês e a gente tava aprendendo sobre animais e eu era um macaco sempre, sempre, em todas as aulas. E aí todo mundo começou a me chamar de monkey, eu não tinha mais nome, é muito engraçado isso, você não tem nome. (E5).

Foi apontado também, por alguns participantes, o sentimento de impotência após sofrer uma agressão direta como as previamente destacadas nos trechos. Eles expressaram como a indignação, junto com o choque, fez com que dificultasse alguma ação defensiva a ser tomada. Além disso, foi citada a impunidade relacionada à violências raciais, não apenas da própria administração universitária, como também de autoridades maiores, o que torna-se mais um fator de impedimento para denúncias de tais atitudes.

E assim, eu pensava que, quando eu vivesse isso eu ia, sei lá, falar, sabe, dar uma aula pro cara né, gente eu fiquei sem reação, não sabia o que falar, eu fiquei 'não acredito que to escutando isso' só vinha isso na minha cabeça. A gente se sente, impotente, sabe, revoltado e indignado, e a gente fica tentando mascarar aquilo na nossa cabeça sabe? Será que a gente escutou isso mesmo? Meio que botar a culpa na gente, mesmo a gente não tendo culpa de ter que escutar aquilo. (E7).

Porque, na verdade, você denunciar um racismo já é difícil né, são poucas pessoas que denunciam o ato em si, eu, por exemplo, não denunciei, até hoje não sei explicar porque, mas não consegui. Então, acho difícil você ter essa iniciativa de denunciar, mas também muito por você ver que muitas pessoas denunciam o racismo e não acontece nada. (E7).

[...] principalmente por ser uma universidade particular, ela tem uma imagem pra zelar, entendeu? [...] Então, eu acho assim, nem professor, nem funcionário, está apto pra receber uma reclamação, pra processar uma reclamação e ter uma medida, sabe? Tipo a expulsão. (E5).

Mediante as histórias relatadas pelos alunos no que diz respeito à falta de professores e referências teóricas que não sejam pessoas brancas, tornou-se perceptível uma ligação entre essa ausência e a autoestima e motivação dos jovens. É possível afirmar que a falta de repre-

sentatividade de pessoas pretas ou pardas em posição de produtores do saber pode ser um fator agravante para a autoestima baixa e falta de motivação nos alunos não-brancos, uma vez que esses não conseguem vislumbrar pessoas semelhantes a eles, com quem eles se identifiquem, em cargos responsáveis pela transmissão do conhecimento.

Além disso, é comum que, em novos ambientes e experiências, jovens busquem por pessoas semelhantes a si mesmos, com quem eles se identifiquem, para a construção de novos laços afetivos. A ausência de pessoas não-brancas, que possam compartilhar as mesmas vivências no que diz respeito à presença do racismo em seus cotidianos, foi uma causa perceptível de conflito interno dos estudantes entrevistados, em decorrência da construção social identitária influenciada pelo etnocentrismo (AMÉLIA, 2014).

Dentre os dez alunos entrevistados, foram numerosos os exemplos de salas de aula de 60, 70 alunos que possuíssem um ou dois alunos negros além do entrevistado, como os seguintes:

Na minha sala são 68 alunos [...], tem duas pessoas negras, eu e mais uma aluna. (E7).

Na minha sala eu acho, se eu não tô enganado, eu sou a única pessoa não-branca, né? Sim, da minha sala e do primeiro período todo, tem umas cinco ou seis (pessoas não-brancas) de noventa pessoas. (E4).

Essa predominância da população branca no ambiente acadêmico das instituições de ensino privadas foi, também, relacionada por cinco dos dez entrevistados a um sentimento de solidão. Mesmo em narrativas nas quais os jovens relataram um círculo social aberto ao debate e ao aprendizado sobre as questões relativas ao racismo, foi frequente que os alunos ainda assim se sentissem sozinhos, por não terem outras pessoas com quem pudessem se identificar nas vivências referentes às questões raciais. Isso pode ser visto no relato a seguir:

[...] é um pouco sozinho, eu diria. Porque a gente tende a querer se aliar com quem a gente se identifica, né? [...] é um pouco solitário assim, às vezes cê quer comentar alguma coisa e não tem ninguém. (E5).

Durante as entrevistas, ao serem questionados sobre a eficiência de suas universidades para lidar com o racismo, nove dos dez jovens afirmaram que as coordenações de suas faculdades não estão aptas para lidar com as manifestações do racismo dentro do ambiente acadêmico. Em sua maioria, relataram que, em todas as ocasiões nas quais questões relativas ao

racismo foram debatidas dentro dos campi em que estudam, a organização dessas discussões foi realizada por grupos de alunos ou professores, e não pelas instituições.

Como foi dito por Santos (2002), há um imaginário brasileiro acerca das pessoas pretas que é pautado por um racismo estrutural decorrente dos séculos de escravidão vivenciados pelo país. Tendo em vista que, assim como o corpo discente e o corpo docente, a administração dessas universidades é realizada majoritariamente por pessoas brancas, podemos considerar que o racismo está enraizado também na forma de gestão dessas instituições. Dessa maneira, as questões relativas à população negra dentro do ambiente acadêmico acabam por ser negligenciadas, assim como foi percebido pelos alunos entrevistados.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa foi realizada em uma tentativa de compreensão dos impactos psicológicos e sociais do racismo nas relações interpessoais dos jovens não-brancos em sua vivência como estudantes de universidades particulares. Desse modo, pudemos imergir nas narrativas dos jovens entrevistados com um olhar voltado para o entendimento dessas questões.

A partir da análise do conteúdo obtido, torna-se evidente que o racismo ainda é parte do ambiente acadêmico dentro das instituições privadas de ensino no Brasil. É possível afirmar que, de maneira unânime, os alunos entrevistados se sentem afetados por práticas racistas em seus cotidianos, sendo também perceptível a diferença entre as vivências dos jovens não-brancos de pele mais clara e os de pele retinta.

Sob um olhar da Psicologia, a relação percebida entre as manifestações racistas e o bem-estar emocional dos jovens universitários exige que essa questão seja tratada com mais afinco, assim como sugere Veiga (2019) ao afirmar a necessidade da expansão da “Psicologia Preta” diante da falta de estudos psicológicos sobre a população negra. Podemos lembrar que, conforme a cartilha *Óbitos por Suicídio entre Adolescentes e Jovens Negros*, lançada pelo Ministério da Saúde (MS) durante o Seminário Nacional de Saúde da População Negra na Atenção Primária, o índice de suicídio em jovens pretos aumentou em 12% no período de 2012 a 2016, ao contrário do índice em jovens brancos, que se manteve estável. É possível refletir, então, sobre a influência que o racismo pode exercer sobre a saúde mental dos jovens pretos, uma vez que, como os alunos entrevistados puderam relatar, o racismo interfere em todas as esferas de suas vidas, incluindo os contextos social, psicológico e acadêmico.

Urge, também, que seja feita uma reflexão crítica sobre a predominância de pessoas brancas ocupando cargos de gestão nas universidades. Foi bastante perceptível, a partir dos

resultados deste estudo, que os alunos negros e pardos estudantes das instituições de ensino privadas no Brasil, em sua maioria, não se sentem acolhidos dentro do ambiente acadêmico de maneira igualitária aos alunos brancos. Isso é inaceitável, uma vez que a população negra, atualmente, compõe a maior parte da população brasileira - isso demanda um olhar atento para suas subjetividades. Como dito anteriormente, o entendimento do racismo como sistema de discriminação no Brasil é essencial para o combate à desigualdade entre a população branca e a população preta ou parda no país, e deve ser promovido principalmente pelas instituições responsáveis pela educação, em uma tentativa de formar novas gerações de profissionais preparados para atender de maneira adequada as demandas da população não-branca.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG): Letramento, 2018.

BARBOSA, Leonardo et al. **Racismo institucional e as oportunidades acadêmicas nas IFES.** Revista Brasileira de Ensino Superior, v. 3, n. 3, p. 80-99, 2017.

BARDAGI, Marucia Patta; HUTZ, Claudio Simon. **Rotina acadêmica e relação com colegas e professores: impacto na evasão universitária.** Psico, v. 43, n. 2, p. 5, 2012.

BARIANI, Isabel Cristina Dib; PAVANI, Renatha. **Sala de aula na universidade: espaço de relações interpessoais e participação acadêmica.** Estudos de Psicologia (Campinas), v. 25, n. 1, p. 67-75, 2008.

BRASIL. Constituição (1988). Lei Federal 12.711, Brasília, 29.ago.2012, 191º da Independência e 124º da República.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social. **Óbitos por suicídio entre adolescentes e jovens negros 2012 a 2016 / Ministério da Saúde, Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa, Departamento de Apoio à Gestão Participativa e ao Controle Social.** Universidade de Brasília, Observatório de Saúde de Populações em Vulnerabilidade – Brasília : Ministério da Saúde, 2018.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. **Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde.** Rev Bras Enferm, Brasília (DF) 2004 set/out;57(5):611-4

CAMPOS, Luiz Augusto. **Racismo em Três Dimensões: uma abordagem realista-crítica.**

CARNEIRO, S. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero.** In: ASHOKAEMPREENDEMENTOS SOCIAIS;

DAMASCENO, Marizete Gouveia; ZANELLO, Valeska M. Loyola. **Saúde Mental e Racismo Contra Negros: Produção Bibliográfica Brasileira dos Últimos Quinze Anos.** Psicol. cienc. prof., Brasília , v. 38, n. 3, p. 450-464, Sept. 2018 .

DA SILVA, Jefferson. (2016). **Psicologia e relações Étnico-Raciais Diálogos sobre o sofrimento psíquico causado pelo racismo Psychology and Ethnic Racial relationships: dialogues about psychological sufferings caused by racism.**

DAVIS, Angela. **A liberdade é uma luta constante.** Organização de. Frank Barat; tradução de Heci Regina Candiani. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2018. 144 p.

FRANCISCO, Mônica da Silva. **Discursos sobre colorismo: educação étnico-racial na contemporaneidade.** Ensaios Filosóficos, Volume XVIII. p.1-4, 2018.

FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala.** 42. ed. Rio de. Janeiro: Record, 2001.

GONSALVES, E. P. **Iniciação à pesquisa científica.** Campinas, SP> Alinea, 2001.

JESUS, Jaqueline Gomes de. **O desafio da convivência: assessoria de diversidade e apoio aos cotistas (2004-2008).** Psicol. cienc. prof., Brasília , v. 33, n. 1, p. 222-233, 2013.

KIND, Luciana. **Notas para o trabalho com a técnica de grupos focais.** Psicologia em Revista, Belo Horizonte, v. 10, n. 15, p. 124-136, jun. 2004.

MAIA, Kenia Soares; ZAMORA, Maria Helena Navas. **O Brasil e a lógica racial: do branqueamento à produção de subjetividade do racismo.** Psicologia Clínica, v. 30, n. 2, p. 265-286, 2018.

MUYLAERT, Camila Junqueira et al . **Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa.** Rev. esc. enferm. USP, São Paulo , v. 48, n. spe2, p. 184-189, Dec. 2014

NASCIMENTO, Abdias. **O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

NEVES, Consuelo. **Colorismo; quem decide?** Disponível em <http://blogueirasnegras.org/2015/02/03/colorismo-quem-decide/>

NOGUEIRA, Renato. **Afroperspectividade: por uma filosofia que descoloniza.** Portal Geledés, Rio de Janeiro, 12 de jul. de/2015. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/afroperspectividade-por-uma-filosofia-que-descoloniza/> : Acesso em: 05 de nov. de 2020

RIBEIRO, Elisa Maria Barbosa de Amorim et al. **A convivência entre estudantes cotistas e não cotistas na Universidade Federal da Bahia.** 2014.

SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos et al. **A relação entre vida acadêmica e a motivação para aprender em universitários.** Psicologia Escolar e Educacional, v. 15, n. 2, p. 283-290, 2011.

- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. 7. ed. Porto, jun. 1999
- SANTOS, Gislene Aparecida dos. **Selvagens, exóticos, demoníacos: idéias e imagens sobre uma gente de cor preta**. Estud. afro-asiát., Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 275-289, 2002.
- SANTOS, Joel Rufino dos. 1941 - **O que é Racismo** / Joel Rufino dos Santos - São Paulo : Abril Cultural : Brasiliense, 1984.
- SILVA E SILVA, Tainan et al. **O colorismo e suas bases históricas discriminatórias**. Direito UNIFACS–Debate Virtual, n. 201, 2017.
- SOARES, Adriana Benevides et al. **Relações interpessoais na universidade: o que pensam estudantes da graduação em Psicologia?** Estudos interdisciplinares em Psicologia, v. 7, n. 1, p. 56-76, 2016.
- SOUZA, Vanderlei Sebastião. **A eugenia brasileira e suas conexões internacionais: uma análise a partir das controvérsias entre Renato Kehl e Edgard Roquette-Pinto, 1920-1930**. 2016. Scielo.
- TAVARES, Natália Oliveira; OLIVEIRA, Lorena Vianna; LAGES, Sônia Regina Corrêa. **The perception of psychologists about institutional racism in public health**. Saúde em Debate, v. 37, n. 99, p. 580-587, 2013.
- TRINDADE, Azoilda Loretto da. **O racismo no cotidiano escolar**. 1994. Tese de Doutorado.
- VEIGA, Lucas Motta. **Descolonizando a psicologia: notas para uma Psicologia Preta**. Fractal: Revista de Psicologia, v. 31, n. SPE, p. 244-248, 2019.